

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação,
Gestão, e Ciência da Informação

Os desafios do profissional da informação frente às tecnologias e
suportes informacionais do século XXI: lugares de memória para a
biblioteconomia

18 a 24 de julho de 2010

MERCADO DE TRABALHO E A DESIGUALDADE DE GÊNERO NA PROFISSÃO DA/O BIBLIOTECÁRIA/O¹

Mary Ferreira*
Elinielle Pinto Borges**
Luís Cláudio Borges***

Resumo: Discorre sobre as relações de gênero no campo da Biblioteconomia no Maranhão refletindo sobre as desigualdades nessa profissão. Aprofunda o debate sobre as questões de gênero no campo da Biblioteconomia, situando o/a profissional da informação no mundo do trabalho. Utiliza a pesquisa qualitativa e quantitativa para investigar as percepções dos sujeitos sobre as diferenças de gênero bem como estas são constituídas. Ressalta que são poucos os estudos que envolvem a temática Gênero e Biblioteconomia, sendo que os mesmos nos fazem pensar as realidades e os contextos em que essa área foi construída. Discute a concepção do gênero como categoria analítica das Ciências Sociais, construída mediante aos processos históricos e sociais para pensar as relações de poder instituídas social e culturalmente que marcam diferenças e práticas no mundo social. Ressalta que as características atribuídas às mulheres e aos homens são decorrentes dos processos de normalização dos comportamentos, devido à força das estruturas sócio-culturais que as produzem. Mostra que, ao transpor essa reflexão para o atual contexto da Biblioteconomia buscamos compreender que as realidades e as conjunturas do mundo do trabalho neste campo, que refletem relações de gênero, edificadas no modelo patriarcal, que dificulta as mulheres serem reconhecidas como sujeito.

Palavras-chave: Biblioteconomia – gênero. Gênero. Bibliotecários/as.

¹ Comunicação Oral - Apresentada ao GT N° 5 Temática Livre.

* Professora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, Mestra em Políticas Públicas, Doutora em Sociologia UNESP/FCLAr, Pesquisadora do CNPQ.

** Aluna do 6º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. Bolsista do grupo de monitoria da UFMA

***Aluno do 7º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. Bolsista do CNPQ/PIBIC.

1 INTRODUÇÃO

As reflexões aqui desenvolvidas focalizam gênero como uma categoria analítica decorrente das Ciências Sociais, que conforme Scott (1990) aponta para maneira de nos referirmos à organização social das relações entre os sexos. Segundo Nascimento (2005, p. 41) “é uma categoria de análise que supõe a montagem e desmontagem da produção do conhecimento sobre a diferença sexual”, conhecimento este produzido por meios complexos, referindo-se não apenas às idéias, mais também às instituições e estruturas, práticas cotidianas, tudo o que constituiria a dinâmica das relações sociais.

Nessa direção, não se entende a diferença sexual como natural no processo de construção das identidades de gênero. As relações de gênero, conforme definido por Ferreira (2007, p. 25) “são compreendidas como mecanismos que explicam a opressão das mulheres e de como esta opressão reflete na vida, nos corpos, na mente interferindo diretamente no cotidiano de mulheres e homens”, e são reproduzidas em muitas situações do dia-dia, consideradas com verdades a partir dos processos de naturalização dos comportamentos, inferiorizando e desqualificando a condição feminina. Essa desqualificação não acontece no âmbito privado, mas também na esfera pública e, sobretudo no mundo do trabalho.

Assim, aprofundar o debate sobre as questões de gênero no campo da Biblioteconomia, situado o/a profissional da informação no mundo do trabalho é o que se propõe este estudo. Este trabalho é um desdobramento de uma pesquisa mais ampla, intitulada “Informação e Desigualdade Social no Maranhão: as bibliotecas, os arquivos e profissional da informação – Desafios para pensar o Estado democrático”, ora desenvolvida junto ao Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão e coordenada pela professora Dr^a Mary Ferreira.

O percurso metodológico deste estudo constitui-se de três momentos trabalhados concomitantemente: pesquisa bibliografia, pesquisa documental e pesquisa de campo. O ponto de partida é o levantamento bibliográfico de estudos e pesquisas sobre o objeto de estudo. Na senda dos autores e autoras, têm sido utilizados os aportes teóricos de Joan Scott, Michel Foucault, Heleieth Saffioti, Sandra Nascimento, Mary Ferreira, Teresa Lauretis, entre outros. As teorias produzidas por esses autores forneceram subsídios para a solução das questões decorrentes do trabalho de campo.

Com a intenção de capturarmos as percepções dos profissionais bibliotecários que atuam na Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL) e no Centro de Educação Federal e Tecnológica – CEFET-MA, instituições escolhidas em função de sua importância para a história da Biblioteconomia no Maranhão, elaboramos questionário semi-estruturado. O passo seguinte foi a ida em campo no intuito de aplicar o questionários junto aos entrevistados. Foram utilizadas 8 entrevistas, as informações obtidas a partir deste instrumental foram analisadas de forma qualitativa a partir da perspectiva de gênero haja vista ser esta uma forma de interpretar as conjunturas e de intervir nos meios sociais, entendendo as relações de gênero não enquanto problemas da Biologia, mas como questão social.

Este estudo está estruturado em tópicos de forma a suscitar o debate em torno das questões de gênero. Apresenta as contribuições teóricas de alguns autores, o que possibilita uma visão geral a cerca dos conceitos e perspectivas da temática. O Terceiro tópico “Gênero e Biblioteconomia no Maranhão”, articula a discussão em torno das relações de gênero e o curso de Biblioteconomia no Maranhão, mostrando parte da história da área no Estado e apontando alguns indicativos a cerca dos profissionais que atuam no mundo do trabalho maranhense. No quarto tópico “As relações de gênero no mundo do trabalho maranhense” apresentam-se os resultados parciais dos dados qualitativos levantados pela pesquisa de campo, junto aos bibliotecários/as da Biblioteca Pública Benedito Leite e do CEFET-MA e, por fim, conclui-se que por meio dos estudos de gênero é possível compreender como se dão os processos que têm historicamente submetido à mulher às posições de inferioridade no campo das profissões femininas e em particular da Biblioteconomia.

2 GÊNERO: conceitos e perspectivas

As falas e ações que refletem a forma com se relacionam homens e mulheres vão ganhando cada vez mais espaço na sociedade na medida em que tais relações passam a ser compreendidas a partir da categoria gênero.

Gênero, como categoria de análise decorrente das ciências sociais, é o conjunto de características, papéis, atitudes, valores, idéias, representações, normas, prescrições, atribuições e símbolos construídos sócio-culturalmente com base nas diferenças sexuais, colocando-se como um dever ser para mulheres e homens. Impõe-se a cada sexo por meio do processo de socialização e configuram sua identidade em masculina e feminina (SAFFIOTI, 1987).

Construída mediante processos históricos e sociais a categoria gênero estabelece parâmetros de distinção entre os seres humanos em femininos e masculinos, “implicando na

direção binária e hierárquica com reflexos na interpretação das diferenças anatômicas que ocasionam, além disso, desigualdades no exercício do poder” (SAFFIOTI, 1987, p. 32). Geralmente todas essas características atribuídas a homens e mulheres são decorrentes do processo de normalização dos comportamentos, devido à força das estruturas sócio-culturais e políticas que as produzem.

Gênero é também uma estrutura divisora do trabalho - daquele realizado num ambiente doméstico, na esfera privada, e o realizado no âmbito público. Legitima as desigualdades advindas do local em que homens e mulheres ocupam em face das relações de poder: classe social, etnia/raça, idade ou grupo humano e institucionaliza o homem e os valores masculinos como paradigmas da humanidade (LAURETIS, 1987).

No Brasil, os estudos acerca da condição feminina e das relações de gênero têm crescido e evoluído, à medida que estas questões tornam-se mais presente nas discussões e pesquisas no âmbito das instituições de ensino superior. Têm-se percebido que a construção de uma realidade social mais justa e igualitária perpassa pela inclusão de todos e todas em suas políticas. Timidamente, já se reconhece a necessidade de incluir a perspectiva de gênero na descrição e/ou análise da realidade, haja vista ser esta uma forma de interpretar as realidades e de intervenção nos meios sociais, entendendo o sexismo e o poder patriarcal não apenas enquanto problemas da biologia, mas também social.

Tal perspectiva considera mulheres e homens como sujeitos históricos, construídos socialmente, situando-os em seus contextos e explicando suas relações. Trabalhar com a perspectiva de gênero significa ter consciência da opressão das mulheres por seu sexo e da posição privilegiada dos homens pelo mesmo, ou seja, “da desigualdade no exercício do poder baseada na diferença sexual” (FOUCAULT, 1984, p. 41). Supõe uma ação direta sobre o meio para alterar as relações sociais, e vontade política para transformar os termos das relações, de maneira que sejam possíveis a equidade, a igualdade e o empoderamento das mulheres, a partir da conscientização individual para a pertinência da temática. A perspectiva de gênero rompe com o determinismo biológico que havia sido interpretado pelo patriarcado para justificar a opressão feminina e as relações de poder desiguais, proporcionando-nos um campo para reflexão sem cair no dicotomismo.

Ao articular o conceito de gênero no contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação consideramos pertinente dada o número significativo de mulheres nessa área podendo ser considerada uma profissão feminina. Embora essa seja uma realidade vista empiricamente em grande parte dos estados brasileiros a exemplo do Maranhão, entretanto, percebe-se que nesse Estado alguns cargos de poder já hoje estão sobre a coordenação de

homens. Daí nosso interesse de refletir como a categoria gênero pode contribuir para compreender essa contradição no campo Biblioteconômico.

3 GÊNERO E BIBLIOTECONOMIA NO MARANHÃO

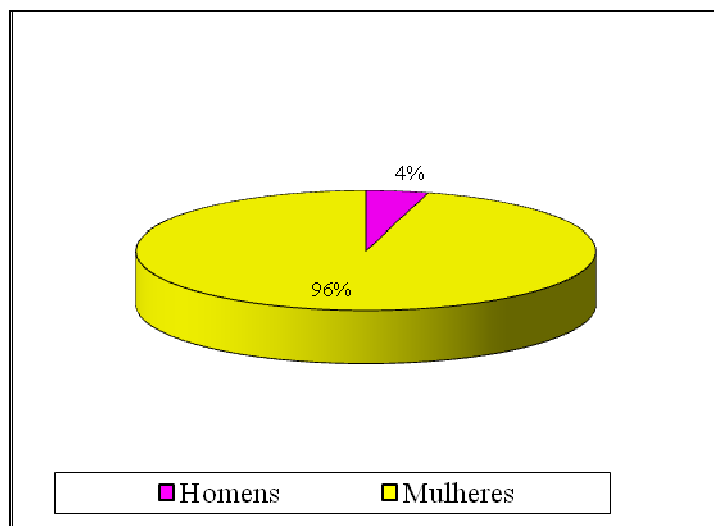
O Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão emerge no final da década de 60, tendo como uma de suas principais finalidades a formação de profissionais capacitados para atuarem de forma eficiente em nossas Bibliotecas. Nesse período duas Bibliotecas investem na formação de bibliotecários: a Biblioteca Pública Benedito Leite e Biblioteca do Centro de Educação Tecnológica do Maranhão – CEFET-MA.

A Biblioteca Pública Benedito Leite, fundada em 1829 no Maranhão, foi a primeira instituição pública desse Estado a se preocupar com a qualificação de seus quadros, naquele período estava a frente da Biblioteca Nacional o maranhense Josué Montello que após uma visita ao Maranhão, evidenciou que: “A Biblioteca Pública [Benedito Leite] não estava adequada tecnicamente para acompanhar as tendências da Biblioteconomia Brasileira, e não estava suficientemente preparada para atender as demandas dos seus usuários”. (BOTTENTUIT; CASTRO 2000, p. 43). Assim sendo, o governo do Estado destinou as bibliotecárias Maria de Lourdes Arozo Mendes e Aricéia Moreira Lima da Silva para cursarem o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

No que se refere a Biblioteca do CEFET-MA, e, segundo Bottentuit e Castro (2000) houve um processo diferenciado na formação dos profissionais desta instituição. A direção autorizou todos os funcionários a freqüentarem o curso, que foi facilitado pela liberação de bolsas de estudo pela Biblioteca Nacional, no qual se destaca “Matilde Fernandes Carvalho [que] se formou através do Curso Fundamental de Biblioteconomia oferecido por aquela casa.” (BOTTENTUIT; CASTRO 2000, p. 44). Essas profissionais a medida que iam se formando passaram a adotar novas técnicas e dar uma nova dimensão a área de Biblioteconomia no Maranhão.

A partir de então começaram os esforços de criar um curso de graduação em Biblioteconomia no Maranhão finalmente conquistado em 1969 na gestão do então reitor Cônego Ribamar Carvalho. Observa-se, entretanto que, ao longo de seus quase 40 anos de fundação no Maranhão, o curso é caracterizado pelo número muito significativo de mulheres. Constata-se que no período de 1969 até 1999, conforme o gráfico abaixo, as formadas representavam cerca de 96 % contrapondo-se aos homens cujo percentual foi somente de 4 %:

GRÁFICO 1



Fonte: Bottentuit; Castro, 2000.

Ao discutir a questão de gênero a partir das profissões percebemos que algumas delas são predominantemente feminina. Profissões como Pedagogia, Enfermagem, Nutrição, Serviço Social são marcadas por forte presença de mulheres. No caso da Biblioteconomia, para compreender melhor essa problemática é importante conhecer a história do curso e como foram construídos os estereótipos que desqualificam a profissão de bibliotecário e bibliotecária.

Segundo Martucci (apud RASCHE, 1998) é na mulher do século XIX, século reconhecido pelo desenvolvimento das bibliotecas e das escolas que, evidenciamos características comuns às bibliotecárias com as mães, sendo o primeiro um trabalho de cunho maternal. E, ainda para esta autora as características da mulher desta época eram: “um ser puro, dedicado, submisso, passivo, leal, obediente, conservador, com respeito a autoridade e a hierarquia, de grandes qualidades morais, educadora primeira na sociedade”. (MARTUCCI apud RASCHE, 1998 p. 85)

Todas essas eram características acima evidenciam o papel que a mulher tinha que desempenhar na sociedade até então. Marcado por profundos preconceitos de discriminação, assim mercado de trabalho segundo Ferreira (2002, p. 172) naquele período “eram permitidas

às mulheres apenas algumas profissões, sobretudo aquelas mais substancialmente ligadas à reprodução, de uma forma ou de outra significavam uma extensão das atividades domésticas”.

Com a inserção da mulher no mundo do capital, “a educação superior aparece como meio de adquirir independência, subsistência, autodesenvolvimento e ascensão social (LAZARI apud RASCHE, 1998, p. 84). Assim as profissões que mais assemelhavam com o lado materno da mulher seriam as profissões “ideais” para as mesmas. E, embora elas sejam universitárias a profissão escolhida tem que ser “para conciliar o seu papel de mãe com o profissional” (GOLDENBERG, p. 110), que em geral eram

[...] magistério, enfermagem, nutrição, biblioteconomia, que de alguma forma são extensões das atividades domésticas, senão vejamos: a enfermeira cuida dos doentes, a nutricionista da comida, a professora das crianças e a bibliotecária da arrumação da casa dos livros. (FERREIRA, 2002 p. 173).

Reflexão semelhante é feita por Botassi (apud RASCHE 1998) ao estudar a profissão bibliotecária como profissão feminina, esta enfatiza que as escolhas da profissão de bibliotecária se dão por ser:

“Uma profissão adequada “à nossa natureza” feminina, considerando que as (os) profissionais somos uma maioria de mulheres. Assim, enquanto mulheres, de acordo com nossa formação seríamos levadas a prestar serviços ou cuidados e se não bibliotecárias, seríamos enfermeiras, assistentes sociais, ou exerceríamos profissões “úteis” à sociedade, de “natureza feminina.”

Em um estudo recente, desenvolvido por Olinto (2006) onde inclui profissionais bibliotecárias/os, nutricionistas, assistentes sociais, entre outros pertencentes à área da Ciência e Tecnologia, a média de rendimentos por gênero a autora evidencia a grande diferença salarial entre o homem e a mulher e, em alguns casos uma grande discrepância, chegando ao salário do homem ser maior na mesma função exercida pela mulher em torno de 79 %. Fato evidenciado também por Goldenberg (2000), onde ao relatar sobre a engenharia, área predominantemente masculina, as mulheres engenheiras ganham em média 8 salário a menos que os homens engenheiros. E, apesar das mulheres nos últimos anos ter se capacitado mais com o nível superior é do homem a vantagem salarial, especialmente nas áreas de Dirigência, Biológicas/Saúde e Ciências Sociais e Humanas (OLINTO, 2006).

Diferenças assim entre gêneros estão presentes e bem acentuadas no setor privado, visto que o público, por ocorrer através de concurso público, é inconstitucional estabelecer desigualdade salarial entre gêneros. Entretanto em alguns órgãos principalmente os militares, há um número baixíssimo de mulheres em cargos comissionados.

Ao comparar a inserção de mulheres na Biblioteconomia com a da Ciência da Informação, Olinto (apud FERREIRA, 2002), ressalta que nem mesmo a separação progressiva de ambas foi capaz de mudar o quadro predominante de mulheres em relação aos homens. Ainda para esta autora “pode-se afirmar que tanto a Ciência da Informação como a Biblioteconomia permanecem com altas proporções de mulheres, independentemente da vinculação forte que se estabeleceu entre originalmente entre ambas” (OLINTO apud FERREIRA, 2002, p. 171).

Assim, percebemos que os/as profissionais bibliotecárias/os ainda não despertaram para o fato de que a desvalorização social da profissão tem como fator também ser esta uma categoria predominantemente feminina. A pouca atenção que os/as profissionais bibliotecários/as têm dispensado às relações de gênero, contribui para a permanência da realidade vigente: uma profissão pouco valorizada pela sociedade.

4 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MUNDO DO TRABALHO MARANHENSE

No tocante as relações de gênero no campo da Biblioteconomia, podemos observar tal fenômeno a partir da análise dos dados coletados junto aos profissionais da área, atuantes em dois dos órgãos de referência para a Biblioteconomia no Estado: a Biblioteca Pública Benedito Leite e o Centro Tecnológico do Maranhão - CEFET. Estas instituições foram escolhidas dado o seu pioneirismo e, portanto, fundamentais na implantação do Curso de Biblioteconomia no Maranhão.

Foram entrevistados 8 bibliotecários, sendo 4 da Biblioteca Pública Benedito Leite e 04 bibliotecários do CEFET. Destes temos 4 mulheres e 4 homens, com idades que variam entre 22 e 59 anos. Dos 8 profissionais, 7 entraram para as instituições através de concurso público, e 1 bibliotecário é contratado. Dos profissionais entrevistados, 6 possuem cursos de especialização e 01 deles possuem mais de uma graduação. Os dados, ainda que preliminares, revelam características, percepções e representações de homens e mulheres acerca das questões de gênero, sua relação com o fazer profissional dos mesmos e de como as questões sociais de sexo podem interferir no exercício profissional.

A percepção destes profissionais acerca de si mesmo, principalmente de como este se percebe enquanto homem ou mulher variam bastante, contudo vale destacar que algumas falas, que reflete suas perspectivas e leituras sobre si mesmo.

“Uma mulher que luta pela realização dos seus objetivos pessoais e profissionais. Sempre em busca do respeito, como princípio fundamental para a boa convivência em todos os aspectos” (Benedita Mendes, 45 anos, bibliotecária – CEFET/MA).

“Um ser atuante, sensível, preocupado com a natureza humana, em busca da felicidade e entusiasta pelo viver sábio” (Marco Antonio Gomes, 38 anos, bibliotecário – CEFET/MA).

“Busco agir em todas as áreas da vida baseada em princípios cristãos” (Nadia Alves, 39 anos, bibliotecária - BPBL).

*“[...] a diferença esta na maneira como faz as coisas e como se pensa. Eu penso que todo mundo é capaz de fazer as coisas que eu faço, até **mulher** [...]”* (Keyse Silva, 22 anos, bibliotecário – CEFET/MA, grifo nosso).

As respostas refletem a forma como os sujeitos-informantes se reconhecem enquanto ser masculino ou feminino. Vale destacar que esta percepção varia também de acordo com o tempo e o espaço que cada sujeito ocupa no momento, as concepções religiosas que cada um tem também se constituem fatores que determinam como estes irão se reconhecer. Cabe aqui destacar a última fala, onde fica nítido que a desqualificação do sujeito feminino se dá, de muitas formas, às vezes inconsciente e em quase todas conscientes. Quando o último sujeito acima citado, afirma que “até mulher” é capaz de fazer o que ele faz, denota-se que o informante acredita que por ser homem/macho a sua capacidade pode ser maior que a da mulher. A esse respeito Saffioti (2003) afirma que o sexismo e o poder patriarcal não se resumem as expressões diretas de discriminação, mas está presente ideologicamente em todas as relações. Não se resume a um sistema de dominação apenas, mais do que isto, ele é um sistema de exploração e manifesta-se de forma inconsciente, pois está naturalizado pelos processos sócio-culturais que os produziu.

Quando questionados sobre qual sua opinião sobre a condição da mulher no mercado de trabalho, as respostas foram às seguintes:

“Ela precisa estar mais inserida neste processo, ela está sendo desvalorizada, excluída” (Marco Antonio Gomes, 38 anos, bibliotecário – CEFET/MA)

“Ela tá começando a ser bem vistas na sociedade, elas estão chegando lá... elas estão dando conta do serviço e quando os homens duvidarem elas vão passar as pernas neles” (Mirtes Castro, 59 anos, bibliotecária-CEFET/MA)

“Tem melhorado, já vejo mulheres presidentas, em cargos altos. Existem muitas cientistas competentes. [...] agora como eu falei: os homens não estão preparados para receber ordens de mulher. É mais fácil do homem negociar com um homem do que [com] mulher, como nos cargos de gerência é mais visto homem negociar com homem” (Keyse Silva, 22 anos, bibliotecário – CEFET/MA).

“[...] No caso da mulher existem fatores que comprometem a busca da qualificação por dividirem o seu tempo com o serviço na empresa, administração do lar e cuidados com os filhos.” (Erivaldo Silva Freire, 30 anos, bibliotecário –BPBL)

As respostas desta questão de certa maneira nos remetem ao momento em que estamos vivendo na atualidade, onde as lutas sociais das mulheres e as transformações por que tem passado a sociedade possibilitaram avanços no campo dos direitos das mulheres, sobretudo no que desrespeito ao acesso a educação, e, por conseguinte, ao mercado de trabalho. Soma-se a isso a dupla jornada de trabalho, que a mulher é obrigada a enfrentar diariamente, a do serviço e a de casa; muitas das vezes sem a ajuda do marido, o que vem a comprometer o seu tempo de se capacitar como é percebido na fala de Erivaldo. Contudo, muitas mulheres ainda enfrentam grandes problemas no mundo do trabalho. Problemas estes que vão desde o assédio sexual por parte dos seus patrões até os baixos salários ainda pagos em relação ao salário dos homens, mesmo quando as mulheres exercem o mesmo cargo e com a mesma competência, em alguns casos até melhor, que um homem.

Ao expressarem que a mulher “precisa estar mais inserida para não ser excluída” ou que ela “ta começando a ser bem vista na sociedade” os/as entrevistados/as reconhecem uma situação desigual que nos estudos de gêneros é possível ser evidenciado. Tais evidências são vistas nas falas de Keyse quando este enfatiza que é mais fácil um “homem negociar com homem do que com uma mulher”.

Ao analisar o fato de que mesmo a área (Biblioteconomia) ser constituída em grande parte por mulheres, e que alguns cargos de gestão estão sendo ocupados por homens, as respostas demonstram o quanto gênero está engendrado nas falas dos entrevistados. Vejamos:

“Cada caso é um caso. Aqui, por exemplo, tem muita mulher, mas elas não quiseram ocupar. Eu acredito que se tem de um gestor geralmente se pensa em um gestor e não gestora, a idéia é que se tem de um gestor é de uma pessoa rígida sério, exigente, coisa que é mais difícil de imaginar em uma mulher. Cargo de organização é coisa de mulher, na hora de cobrar resultados ai se coloca o homem. Ai se chama para a razão: ‘ e ae? O que aconteceu?’ ” (Keyse Silva, 22 anos, bibliotecário – CEFET/MA).

Se esta visão é clara na fala do entrevistado anterior, porém percebe-se que isso não é reconhecido em outra entrevistada no mesmo órgão:

“Pelo menos aqui no Maranhão, ainda não vejo como uma tendência acentuada, o homem, enquanto profissional de Biblioteconomia, destina a cargo de gestão em detrimento das mulheres e sim talvez, como ocorre na instituição em que trabalho, os bibliotecários do sexo feminino não pretendem mais assumir tais funções” (Benedita Mendes, 45 anos, bibliotecária – CEFET/MA).

No Maranhão, já é uma realidade a ocupação dos cargos de gestão na área de Biblioteconomia por homens, a Biblioteca Pública Benedito Leite atualmente é gerida por Moises da Costa Silva, bibliotecário que atua desde 1985, e no CEFET, um jovem bibliotecário, concursado há pouco menos de um ano já assumiu a coordenação da biblioteca. Nos dois espaços existem muito mais bibliotecárias do que bibliotecários, muitas destas profissionais estão aptas a assumirem cargos de gestão, como evidenciam seus currículos e experiências ao longo do tempo em que exercem a profissão.

Ao questionar as bibliotecárias do CEFET-MA sobre essa realidade, estas são enfáticas ao responderem que ainda não perceberam tal situação. Ao se referir sobre o caso do CEFET-MA que atualmente é dirigido por um bibliotecário, elas enfatizaram que a indicação do bibliotecário foi circunstancial dada a remuneração do cargo de chefia ser muito baixo e, nenhuma das bibliotecárias aceitarem o cargo, razão porque foi indicado um homem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: pela equidade de gênero

As reflexões até aqui construídas possibilitam melhor compreender e refletir a cercado fenômeno da feminização da Biblioteconomia, apontando-nos algumas teorias para melhor entendermos como forma forjados os mecanismos sobre os quais está plantada sua

desvalorização. Por meio dos estudos de gêneros é possível perceber como se dão os processos que, ao longo da história, têm submetido à mulher as posições de inferioridade.

Os estudos sobre as relações de gênero na Biblioteconomia ainda são poucos, contudo timidamente algumas pesquisadoras/es já reconhecem a necessidade de dar visibilidade e propor soluções ao problema, como forma de tentar contribuir com a construção de novos caminhos e identidades para o fazer Biblioteconômico.

Para concluir estas reflexões, afirmamos que é imprescindível focalizar as desigualdades de gênero no campo da Biblioteconomia se quisermos promover a valorização social da profissão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nádia Sebastiana Matos Nogueira Alves. **Entrevista sobre Gênero e Biblioteconomia no Maranhão**. São Luís, junho, 2008.

BOTTENTUIT, Aldinar; CASTRO, César. **Movimento fundador da Biblioteconomia no Maranhão**. São Luís: Imprensa Universitária, 2000.

CASTRO, Mirtes. **Entrevista sobre Gênero e Biblioteconomia no Maranhão**. São Luís, junho, 2008.

FERREIRA, Maria Mary. A/o profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. In: CASTRO, César Augusto (Org). **Ciência da informação: múltiplos discursos**. São Luís: EDUFMA; EDUFAMA, 2002. p. 161-181

FERREIRA, Maria Mary. **As caetanas vão à luta: feminismo e políticas públicas do Maranhão**. São Luís: EDUFMA; Grupo de Mulheres da Ilha, 2007.

FREIRE, Erivaldo Silva. **Entrevista sobre Gênero e Biblioteconomia no Maranhão**. São Luís, junho, 2008.

GOLDENBERG, Miriam. **De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais**. In: _____ (Org.). Os novos desejos Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 107-123

GOMES, Marco Antonio Nogueira. **Entrevista sobre Gênero e Biblioteconomia no Maranhão**. São Luís, junho, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

LAURETIS, Teresa de. The technology of gender. In: _____ **Technologies of gender**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1987

MENDES, Benedita Loyola Vale Mendes. **Entrevista sobre Gênero e Biblioteconomia no Maranhão**. São Luís, junho, 2008.

NACIMENTO, Aline Carvalho do. **Entrevista sobre Gênero e Biblioteconomia no Maranhão**. São Luís, junho, 2008.

NASCIMENTO, Sandra. Sexo e gênero: considerações e delimitação de eixos da identidade, do desejo e do prazer. **Caderno Pós Ciências Sociais 3**. São Luís: EDUFMA, 2005. p.37-49.

OLINTO, Gilda. Equilíbrio de gênero em ciência y tecnologia y el sector público en Brasil. In: VI Congresso Ibero americano de Ciência e Tecnologia y Gênero, 2006. **Anais...** Zaragoza: 2006

RASCHE, Francisca. Papéis de gênero e sua influência na formação acadêmica das mulheres estudantes de Biblioteconomia em Santa Catarina. **Revista ACB**. Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 77-95, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. Violência estrutural de gênero : mulher gosta de apanhar?. In: SECRETARIA ESPECIAL DE POLITICAS PARA AS MULHERES. **Diálogos sobre a violência domestica e de gênero: construindo políticas para as mulheres**. Brasília: A Secretaria, 2003. p. 27-38.

SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS corpo, 1990.

SILVA, Keyse Rodrigo Fonseca. **Entrevista sobre Gênero e Biblioteconomia no Maranhão**. São Luís, junho, 2008.

SILVA, Moisés Costa Silva. **Entrevista sobre Gênero e Biblioteconomia no Maranhão.**
São Luís, junho, 2008.